



ILHAS DOS AÇORES — IGREJA DE S. CRUZ.

A IGREJA de S. Cruz é um bom especimen das igrejas que se encontram nas ilhas dos Açores. Nenhum logarêjo, por pequeno e insignificante que seja, deixa de ter o seu templosinho. Pouca ou nenhuma variedade se encontra no estylo da architectura d'estas edificações religiosas; a unica differença consiste no tamanho, que varia infinitamente; em geral estão mal reparadas, em consequencia de serem os rendimentos para a fabrica insufficientes, e a povoação mui pobre.

A architectura da igreja de S. Cruz é mui singela, como pôde observar-se pela estampa, e é construida quasi exclusivamente de lava, unico material que ali se encontra em abundancia.

Pelo que respeita ás outras noticias d'esta ilha, referimo-nos ao artigos citados no n.º 18 d'este volume.

#### ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

##### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

### III.

#### Doação de Arrayolos á Sé de Evora.

SEJA como fôr, tenho por certo que em principios do seculo 13.º já havia povoação no sitio de Ar-

VOL. II. — 3.ª SERIE

rayolos. Em documento de 7 de maio da era de 1255, anno de Christo de 1217, em Lisboa, faz el-rei D. Affonso II com sua mulher a rainha D. Urraca, e seus filhos os infantes D. Sancho, e D. Affonso e D. Leonor, carta de doação a D. Sueiro, bispo de Evora, e ao cabido da sua *herdade* (*hereditate*), que se chama *Arriolos*, e lhes concede que edifiquem ali castello. Esta doação é perpetua e hereditaria, e abrange a dita *herdade* com todos seus termos e direituras, e com todas suas pertencas assim em terras, como em aguas, declarando n'ella el-rei que lh'a faz pelo amor de Deus, e da bem-aventurada Virgem Maria, e pelo serviço, que d'elles recebeu, e ao diante espera receber. E os termos, que lhe assigna, são os seguintes. Parte com Evora por Cabeça de Escudeiros, como vae para Cabeça de Mendo Miranda de Val de Sobrados; e de ali como vae para a de Rodrigo Aldebral, e de ali para Castello de Pontega como vae para a Pereira de Zafazela; e de ali como corre a agua de Zafazela para a terra, e pela terra como parte com Aviz. Parte tambem com Monte-mór correndo de Henrique Eannes de Almançor, e de ali pela *avila* (1)

(1) Sera *anta* a verdadeira lição?

MAIO 14, 1853

como vae para a Repreza, e de ahi para as Cima-lhas de Lavar, e de ahi como vae para a terra e parte com Aviz.

De maneira que n'aquelles tempos o territorio, que formava os termos de Arrayolos, partia só com o das tres povoações de Evora, Monte-mór e Aviz.

Mas haveria com effeito já então aqui tal ou qual grupo de povoação? Não se oppõe a esta hypothese a letra da doação, chamando simplesmente *herdade* (*hereditas*) a este tracto de terra?

Digo que devia de haver povoação; e que a expressão de *herdade* (*hereditas*) não destroe esta asserção. Porque nem el-rei se lembraria de conceder aos novos donatarios licença para edificarem castello em logar ermo, e de todo despovoado; nem a expressão *herditas* (*herdade*) exclue a existencia de povoação agglomerada, e até com sua igreja, como claramente se conhece em documento d'el-rei D. Afonso Henriques da era de 1172, anno de Christo 1134, onde se lê entre outras cousas o seguinte, que vae vertido da linguagem latino-barbara em portuguez: «Eu Afonso rei dos portuguezes, filho do conde Henrique e da rainha Theresa, e neto do grande rei Afonso, decretei fazer carta de doação e firmeza a ti Payo Alvitiz e a tua mulher Maria Fromariguis da minha propria *herdade* (*hereditate*), que se chama Serpins em Riba de Ceira entre Arouce e Góes... Dou a vós, e a toda a vossa posteridade a mesma sobredita *herdade* (*hereditatem*) com direito perpetuo, com todas as suas direituras, e com todo o meu direito... com tal condição porém que tu Payo Alvitiz depois da tua morte faças testamento da igreja da mesma villa ao mosteiro de Lorvão, etc.»

Accresce que n'esse mesmo seculo 13.<sup>o</sup>, em que foi feita a doação á Sé de Evora, já se mencionava *Arrayolos* como povoação conhecida, pois veremos entre os confrades da Albergaria da Gafanhoeira (adiante em seu logar) nomeados D. Sancha d'*Arrayolhos*, e Pero d'*Arrayolhos*.

J. II. DA CUNHA RIVARA.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO XV.

*Como debaixo dos pés se levantam os trabalhos.*

D. ZULEIMA sempre era o judeu mais judeu da Synagoga!

Mas, exclamará aqui o leitor, não está D. Zuleima a esta hora em Coimbra, pizado dos murros e pontapés dos villões ruins da Portagem e de S. Cucufate? Por força se poz em lençoes de vinho. Qual! Beber o vinho sim, porém borrifar os lençoes com elle! Pelo amor de Deus, nada de injustiças. Os filhos de Israel e os gafanhotos, antes de haver passarola, já eram os maiores caminheiros do mundo. Perguntem ao judeu errante.

O caso é que o honrado thesoureiro d'el-rei ahi nos caiu das nuvens mesmo ao pé do castello, e não ha remedio; somos philosophos e tolerantes; demosthe as boas tardes.

Incomparavel Cid Hamet Benengeli, gloria dos *hidalgos* e das mourarias! nunca tu nascêras para desafogo do apoquentado romancista, que ora se vale dos Santos, ora grita por Mafoma, vendo pegar-se o fio, e entramelar-se a transcendente meada das suas invengões. Desespero das novellas, e dos ima-

ginadores de mentiras, a tua sombra é como o espectro do justicado no bofete do auctor da *Ulysea*. Assusta e estultifica os architectos de historias fabulosas!

Aqui está o mais humilde dos teus admiradores, frio de pedra, e não sabendo para que lado se volte, ou de que chave se valha, para abrir as portas (de par em par) ao sr. D. Zacharias, que são e escoreito (vaso ruim não quebra) vem descendo pela quebrada do môro baptizado com o apellido aziago «de moxão dos Corvos.»

É gorda e possante a mulla em que o descendente dos prophetas (que ainda esperam pelo Messias!) cavalga em ar de *ancien régime*, soffriavelmente parvo. Estriba com o joelho direito á bôca, a perna esquerda encolhida, e o corpo em rôsca de parafuso.

N'esta guapa postura pois se nos apresenta o vulto equestre do sr. D. Zuleima: e com ella teremos de nos contentar. O tempo estava atroz; e moida da viagem por serras intractaveis, a mulla aqui patinha nos lodagaes; além escorrega nas fragas; e o cavalleiro em cima a encommendar-se a todo o calendario de patriarchas e prophetas com probabilidade de estatelar as costellas nas pedras, que ourissam os trilhos vaidosamente alcunhados com o nome de caminhos.

Mas o judeu, que demonio o tentou a vir entalar o pescoco nas portas de Santa Olaia? Perguntarnos-hão, e muito bem! Segredo de estado, querido leitor; não pôde revelar-se. Entretanto... vamos recebê-lo.

Animo! Desça-se a escada que se encaracola desde a torre de menagem até ao andar terreo. De vagar, que é um verdadeiro quebra-costas. Estamos defronte do templo da gula. Respiremos um minuto; em quanto o enfarruscado *Comus* remeche as ponderosas certãs, e fareja as fumaças que se enrolam pela chaminé gothica. Eram ainda portugaes velhos; ceivavam com ar de dia.

Aquelles homens de armas que diabolica matinda fazem ao canto! Ouçamol-os. O leitor e eu temos o milagroso anel das fadas; podemos vêr sem sermos vistos.

Os limpa-gamelas das leaes hostes madrugaram! Fazem arraial em plena cosinha, jogam á espera da ceia. O bronco taboão pregado sobre quatro tóros de castanho treme com os murros, e a casa abysma-se com as pragas. São devotos; ouviram missa por força ao levantar da cama. O jogo vae renhido. De vez em quando rola pelo chão, amassado com terra e cisco, um dos cortiços velhos, sobre que se assentam. O dado corrido salta com velocidade.

Os defensores do solar engordam da ôlha da caldeira, e cantam ou pragueijam, quando todos choram. Os cepos que estalam ao fogo espirram para a cara da heroica chuchadeira nuvens de cinza e faísca. Defronte chia e palpita n'um fervedouro a não menos substancial, e muito mais appetitosa refeição dos nobres hospedes do alcaide D. Nuno.

Mas D. Zuleima?... D'onde o descobrimos á ponte levadiça é um bocado; e no passo que traz sobeja-nos o tempo para travarmos conhecimento com os habitantes das regiões sombrias. O frio que apanhar, a chuva que é ás torrentes, e os relampagos, não permittirá Moysés que firmam o veneravel nariz do pharizeu fiscal. Se o complimentassem com algum defluxo, ou rheumatismo, seria a primeira vez que o acaso cego abrisse um olho.

Continuemos a vêr os cinco tavoleiros; os quatro; porque um não joga, não falla, e não prova da ácida beberagem, que espuma nas concas de páu dos seus companheiros. Aonde ás vezes está a genealogia

dos grandes factos sociaes?! Essa bebida, que sorviam aos gollos, nada menos era do que a turva limonada cõr de sezões que se vende hoje a John Bull nos Public-house britannicos. O Porter, strong beer, smal beer, com que hoje nos inglezamos em Portugal, n'aquelles tempos rusticos já se representava na mais abominavel, crassa, e gallega cerveja, que ainda fermentou de cevada. Assim começou a cerveja.

*Alta moenia Romæ...*

Agora escutemos a conversação dos homens d'armas.

— «Quero vêr se ainda ateima!» Berrava um com os olhos affogueados, e mordendo os beiços.

— «Sete... Ganhei! Então ateima?»

— «Queimado sejas tu, mais os dados com Pilatos! Quero outro. Ha de cançar.»

— «Outro? Perdes; verás.»

— «Tripas de Judas!» gritou um terceiro largando o jogo, e empinando a conca de cerveja. «Peph!... azêda como cauda de judeu. Não ha nada que chegue ao vinho.»

— «Ah!... a bebida é fria, mas não é ruim,» exclamou o quarto, pouzando a conca com o estalido de lingua, e o suspiro lavado de bofes que um brasileiro chamaria os «quindins da borracha.» Depois, lambendo os beiços, continuou: «Não me dirás, Sisnando-Pé-rombo, que dobadoira será esta, em que tudo anda?»

— «Eu sei, Pelaio Eriz! Soltou-se o demonio aqui. Debaixo d'agua vieram, e debaixo d'agua saíram os cavalleiros. O que chegou depois está engaiolado na ermida; a senhora D. Maria Paes, (Deus a ajude!) metteu-se na torre lá em cima... grande novidade, Pelaio Eriz, grande novidade!»

— «Mas qual, homem?»

— «Apostar que o sabe Tello Ervigiz, o válido?»

— «Talvez não.»

— «Sabe por força; a elle conta-se tudo. Olá, Tello, villico, verdugo?»

Tello Ervigiz, o unico silencioso e quedo no meio do arruido geral, á palavra verdugo ergueu o pescoço, e olhou espantado em redor de si.

— «Não dizia eu, sarraceno? Ficaste sem punhal. E agora a desforra?»

— «Um dardo te atravesse!»

— «Podias jogar o cinto. Não é máu. Então; o cinto contra o punhal?»

— «Não, com mil raios!... Estevão Alho, ou cebolla, eh! A ceia é alma do purgatorio, não se tira do lume?» gritou o jogador vencido.

Estevão Alho tomava pela decima vez um suadouro de cabeça, com o nariz a prumo sobre as certãs. Ouvindo aquella accusação desarrasoadá acabou de mecher com a colher de páu o guizado que temperava, e batendo-a na borda da caldeira voltou-se para responder com o maior socego:

— «Se tens pressa, sarraceno, compra azas.»

Dito isto o Vulcano das fornhalhas poz-se a amannhar um quarto de veado, que tirou do gancho pendente do panuo exterior da chaminé.

— «Oh dom fuinha, aviar, ou mando o meu punhal a saber-te das costellas!»

— «Um!» replicou Estevão Alho, sorrindo, e arregaçando os labuzados beiços.

Aquelle um! e o vibrar de cabeça, que lhe completou o sentido, declaravam a confiança do artista culinario na sua inviolabilidade.

De feito os outros interpozeram-se gritando: «leva rumor! Quem joga, perde e ganha!»

— «Mas, Tello Ervigiz» insistia, entretanto, Pelaio Eriz «não me dirás o que são aquellas luzes da torre maldita?»

— «São luzes.» Retrucou brutalmente o seu interlocutor.

— «São luzes!... mas para que?»

— «Não sei.»

— «Sabes?!»

— «Já disse.»

E com aspecto carrancudo, Tello deixou o infatigavel perguntador.

— «Sisnando Pé-rombo, olha o villão inchado do papo!» disse o curioso, encolhendo os hombros.

Repicava a Trindades o sino da ermida e os homens d'armas, desbarretando-se, ajoelharam. Quando se levantaram já não viram a Tello Ervigiz. A porta, espreitando para dentro divisaram os rostos gaiatos de dous pagens, um de Maria Paes, e o outro de seu irmão.

— «Os pagens!» rosaram os villões, e tudo emudeceu.

Assim calados, as panellas a chiar ao fogo, e a chuva a bater de fóra, começaram a ouvir-se uns roncões tremulos e assobiados, muito semelhantes aos dous, ou tres arrancos da gaita de folles, que em desgarrada gallega ao Espirito Santo, algum descalço garoto, pé ante pé, fura nas mãos do Tyrteo de Tuy, que a passeia. Os roncões partiam de aposento proximo, separado da cosinha por um patim e tres degraus. Os homens d'armas olharam uns para os outros, e os pagens desataram a rir.

— «Não é nada» disse com a costumada concisão o illustre Estevão Alho, sem se alterar. «Ha de ser o leigo a ressonar.»

— «Um leigo?!» exclamaram os pagens, redobrando as risadas; d'ahi virando os calcanhares á cosinha, partiram direitos ao sitio, d'onde soavam os assobios nasaes e os pesicatos profundos do devoto roncador.

Vamos seguindo tambem nós os pagens para vêrmos. Não tinha nada de estreito o aposento, em que entraram, e com tudo a larga meza do meio e uma arca de castanho velha, quasi o tomavam todo. Sobre a tampa da arca via-se o mais roliço e abrutado corpo, que engordou o refeitorio monastico. O lampadario dava-lhe de chapa com a luz na cara, e para se resguardar da importuna claridade a mão direita cobria os olhos. Uma cabeça redonda e rapada; barbas crespas e compridas que chegavam á cintura; beiços grossos, e faces assopradas, como bexigas, cõr do crasso vermelhão, de que os conegos e priores assarapantam os monumentos gothicos, proclamavam da parte do mandrião serafico um pacto eterno com a marmita. Esta guapa creatura era o Barbato ou leigo de Fr. Munio, do mais austero monge de Cister!

— «Fernão Pires, que bella sesia dorme sua reverencia!» disse um dos pagens.

— «E menos mal agazalhado!» retrucou o outro.

Fernão Pires, tinha os mais travessos e maldosos olhos pretos, que ainda brilharam debaixo de palpebras portuguezas. Vasco Lourenço, nas pupillas azues dos bens rasgados «astros de Cupido» como diria um poeta da «Phenix Renascida,» mostrava uma candura velhaca, que denotava boa vontade de se divertir.

— «Como veio aqui este figurão?»

— «Com Fr. Munio.»

— «Ah!... Santo Antonio trouxe o seu porco?»

— «Pois não sae do castello sem uma peça fallada.»

— «Boa palavra, Vasco Lourenço. Qual?»

— «Veremos!»

E nos bicos dos pés cortou de leve com o punhal o cinto de esparto, que franzia a longa tunica do Barbato. Enrolou-lh'a nos pés, e em passo subtil retirou-se do lugar aonde praticára esta gentileza.

Quando transpunham os umbraes sentiram rumor de vozes; e logo ouviram ranger as cadêas, que alavam a levadiça.

— «Temos hospedes.» disse Vasco Lourenço.

— «Vamos vêr» replicou Fernão Pires. E ambos foram dar de cara com o importante personagem, causa de tamanho alarido. Saberá o leitor, que o chegado em fim D. Zuleima a Santa Olaia.

Em quanto elle acompanha á estrebaria a sua mulla de jornada, voltemos atraz a indagar um pouco das manhas e feitos do leigo, que a garalhada d'aquella gente não interrompia nas harmonias do immortal fagote.

A fr. trolho, ou fr. tunel, como lhe chamava o povo, puzeram na pia baptismal o nome de Muniho. Era um heroe taful e esperto, que dos doze annos em diante viveu de fazer logros ao profano, e mal contou os trinta se divertiu em pregar calotes ao divino. Eloquentemente como Demosthenes, a giria servia-lhe de visco para apanhar as victimas. Devoto de Baccho, e guloso como o imperador Vitellio, o estomago desmanchou-lhe muitas vezes os calculos da cabeça. Almudeiro do concelho, semelhante ao procurador de Bocage, nunca almudou senão para si. Um dia o mordomo complimentou-o com sessenta açoutes, e a promessa de o estourar se puzesse outra vez os pés no seu «açouge» (o sitio-bazar onde se vendia). D. Martinho, escandalizado com o acto brutal, apenas se restabeleceu da surra, espreitou o mordomo, e uma noute desancou-o até ficar a pedir confissão; moeu o verdugo que o deixou em muletas, e estropeou um clérigo maldizente, origem da estrondosa exauctoração. Depois, levando nos lombos o famoso «*Siquis suadente diabolo clericum percussit*» sacudiu a poeira dos pés ás portas da ingrata Braga, e deu comsigo em Coimbra para castigo dos parvos, e regosijo dos almocreves de vinho, de quem era assiduo freguez.

(Continúa.)

## VIAGEM AO MINHO.

### CAPITULO I.

*De como eu me decidi a fazer uma viagem, por não ter em que empregar o tempo. O modo porque levei a effeito esta heroica resolução, e embarquei no Terreiro do Paço. — Chegada ao vapor. — A partida; o almoço. — Companheiros de viagem. — Um inglez que bebia vinho, para não enjoar. — Pasmos em que fiquei por não ter saudades de Lisboa, e manciro porque principiei a fazer considerações sobre o estado actual da marinha portugueza, penetrando como desalmado nos domínios da politica. — Recapitulação. — Cincoenta leguas a vapor em trinta e duas horas.*

O DIA continuava lindo, porém o vento crescia gradualmente; a vaga encapelandose cada vez mais, rebentava na prôa, fazendo caminhar o barco por meio de rôlos partidos, que pareciam escoral-o, não o deixando jogar de bombordo a estibordo, e obrigando-o a inclinar a frente para receber o insulto das ondas que brincavam com elle. Do lado da pôpa, uma longa esteira de espuma, levemente agitada pelo movimento das rodas do vapor, escondia o sulco

aberto pela quilha, e tornava a unir as massas d'agua que o talha-mar tinha cortado. Ao longe, pela alheita d'estibordo, desapparecia o cabo da Roca, debruçado no horizonte como os derradeiros vestigios de uma nuvem que o vento vae desfazendo. Da banda do noroeste os vagalhões agglomerando-se uns sobre outros, caminhando e rugindo ameaçadores, revolvendo os abysmos, apparecendo ou sumindo-se em negros turbilhões, pareciam monstros de fórmulas hybridas, evocados pelas furias da destruição para aniquilarem aquella debil creação da intelligencia humana. Referve a sanha com os vãos esforços que fazem para romper o bôjo do navio; esta onda parte-se e desaparece como envergonhada da sua fraqueza; aquella espumando de raiva sobe até mais alto, arroja-se bramindo pela prôa dentro, e as outras incitadas por ella, entoando um choro selvagem de triumpho, caminham em turbilhão para montar á borda; encadeam-se, mergulham a roda de prôa; o navio geme; o oceano engrossa aquella vasta lingua de agua que lambe cubicosamente o peito do navio. O homem do leme faz um movimento, passa duas malaguetas, o vapor ergue a prôa com orgulho, rasga sem piedade o côlo das vagas, e a onda, que rugia ameaçadora, batendo na face do seu inimigo, agora arrasta-se humildemente pelo convez, e escôa-se pelos emburnaes, murmurando do abandono em que a deixaram as suas companheiras. N'esta lucta desesperada as vagas espedaçando-se no costado do navio, e não podendo vencel-o, saltam desfeitas em lagrimas salitrosas com que o vão orvalhar e ensoberbecer do seu triumpho. É uma guerra que dura incessantemente, de noite e de dia, até que o oceano cae em uma prostração, especie de indolencia a que finge abandonar-se para refazer as forças, e voltar ao assalto, ainda mais indomavel e feroz do que antes. E o homem, esse ente umas vezes tão grande e outras tão pequeno, tão poderoso e tão fraco, não recusa nunca entrar em combate para satisfazer as consequencias da sua invenção! Bem disse o poeta:

Oh maldito o primeiro que no mundo  
A's ondas velas poz em secco lenho!  
Digno da eterna pena e do profundo,  
Se é justa a justa lei que sigo e tenho.

Deus me perdôe; mas estava tentado com a pintura de um temporal defeito! Tambem a occasião não podia ser melhor, e como ellas não apparecem todos os dias, creio que sem escrupulo podia lançar mão desta; mas qual é o viajante que não tem descripto uma tempestade? Quem atravessou já o Tejo de Lisboa para Cacilhas, que não viesse depois atordoar a gente com folhetins, ou chronicas de viagem, pintando mantos de crepe negro pendentés da abobada dos céus, o brilho das estrellas pallido e amortecido, e lá muito longe, para as bandas do Caramujo, os relampagos rasgando as nuvens, e o vento soprando com furia, e fazendo girar a falúa como se fôra um corropío... ah! que são scenas d'arripiar os cabellos e fazer tremer as carnes!

Leitor amigo, tem paciencia, mas se o teu gosto é pelas trovoadas, eu tenho entranhavel paixão pela bonança; por isso, e tambem porque não posso contar o que não vi, rogo-te me desculpes se me não tento em dar mais uma terrivel descripção, d'essas que já cheiram a bafio.

Porém, cousa extraordinaria! já eram duas horas da tarde, e não tinha ainda sentido saudades de Lisboa! Fazia-me pasmar um desapêgo assim por esta querida terra! Estava persuadido que não poderia passar um dia inteiro fóra d'ella; que choraria mui-

tas lagrimas se me visse obrigado a perdê-la de vista por alguns dias, e que antes preferiria morrer a ter de a deixar para sempre. Como estava enganado! Eis ahí como são as affeições d'este mundo! Mas o coração humano é formado assim, e não podemos mudal-o. As paixões vehementes, as affeições que chegam ao delirio da idolatria, e que duram tanto como a vida, só existem nos romances, e na imaginação dos poetas; para os homens de prosa rasteira, como eu, que só têm o positivismo diante dos olhos, e a realidade das miserias d'este mundo; para esses a affeição é uma palavra, que tem o sentido que cada um lhe quer dar.

Os que não fôrem da mesma opinião, relevem-me que eu pense d'este modo, porque para se chegar a formar semelhante conceito d'estas cousas é preciso ter muita experiencia d'ellas, e essa experiencia custa sempre muito cara. É verdade que muitas vezes o coração falla primeiro do que a razão, porque lhe falta a memoria dos tempos em que foi mergulhado no fel com que a infancia lhe retribuia os affectos;

mas depois, fuge se póde, e se a vontade, para satisfazer o seu desejo, lhe não doura a esperanza com doces illusões.

Valha-me Deus! Como o pobre de mim ta por esses ares e ventos, campando de moralista, e banhando sensualmente a imaginação n'um pòço de sentimentalismo! Antes duas tempestades, e um furacão, não havendo perigo de naufragar!

Pasmado como estava, por me apartar de Lisboa com tamanha indifferença, principiei a olhar para o apparelho do vapôr, que estava negro como a ferrugem de uma chaminé, e sem querer, puz-me a fazer considerações sobre o deploravel estado da nossa marinha de guerra. É uma terrivel mania que se apoderou de mim, e não está mais na minha mão o desfazer-me d'ella. Vendo cousa que tenha relação com a marinha, adeus minha vida! Vou atrás do gosto, e metto-me a torturar o proximo, que não tem culpa das minhas loucuras!

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.



#### O VALLE DAS CASCATAS.

ESTE valle, cujo nome indigena ignoramos, mas que os inglezes denominam de *waterfalls* (das cascatas) é situado na parte oriental da ilha das Flôres, e visto do oceano offerece o mais lindo prospecto que pode encontrar-se n'esta, que é, aliás, a mais pictoresca das ilhas dos Açores.

A ilha, que é escalvada por toda a parte, apresenta n'aquelle sitio um vasto amphitheatro, fechado pelo lado do oceano por pequenos penedos, constituindo o centro o receptaculo das aguas que para ali convergem. O cume das montanhas n'esta ilha raras vezes deixa de estar toucado de nuvens, e innumera-

veis ribeiros caem em catadupas sobre as paredes perpendiculares do valle, formando assim um espectáculo de extraordinaria sublimidade.

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

*Na Arcadia Elmano Sadino.*

Entre ferros cantei desfeito em pranto.  
Valha a desculpa, se não vale o canto!

### III.

O MESMO homem, que rejeitára redondamente de José de Seabra a nomeação para um lugar de official na Bibliotheca Publica, achando insupportavel a sujeição do emprego, melhor aconselhado pela necessidade não teve duvida em aceitar de Fr. José Marianno Velloso, religioso arrabido, e director então da officina chalcographica, creada pelo ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, o partido que lhe propoz de se occupar em rever acuradamente as provas de obras apropriadas a diffundir a instrução, applicando o resto do tempo ás versões de bons auctores e a composições originaes. O ajuste foi dos mais modestos. Vinte e quatro mil réis mensaes, ficando a primeira edição toda para a casa, eis o que obteve o grande poeta, e ao que se submetteu para grangear os soccorros, que a indigencia tornava preciosos. Sem este contrato, em que o padre Velloso se nos figura mais favorecido do que bemfeitor, como diz o sr. Castilho, a litteratura portugueza contaria de menos algumas primorosas traducções. Homem de vasto saber, e amigo por natureza dos engenhos desvalidos, devemos suppor que o religioso arrabido offerceu quanto lhe permittiam as posses do estabelecimento; e o reconhecimento de Elmano, conservado até a morte, assás o attesta. Póde inferir-se até, pela dedicatoria do drama «A Virtude Laureada», que a mão do protector discreto e liberal soube escolher as occasiões, acudindo com dadivas espontaneas aos maiores apuros de Manuel Maria. Da transacção com Velloso saíram as versões admiraveis dos «Jardins de Delille», das «Plantas de Castel», do «Consortio das Flores de Lacroix», e do «Canto de Tripoli de Cardozo.» Em ferros, ou atado ao poste da indigencia, este espirito gentil tinha forças para erguer assim alto o canto. Seria a sua obra mais duravel e mais completa se o estímulo das precises terrenas o não fôr gaste a romper os ocios? Se a sociedade fosse menos indifferente e o governo mais valedor; se um ministro, como Colbert ou Richelieu, medisse as honras e as pensões pelo merito, ousaria alguem prever o vôo rasgado desta aguia, que assim mesmo captiva, como a do capitolio, poussa sobre o raio de uma inspiração potente?

Bocage, lisongeador por aquelles de quem o louvor é tão doce, e empenhado em erguer um monumento, que fosse o eterno lustre de seu nome, preferiria ainda a licença das algasarras metricas, as palmas dos areopagos anonymos, e a independencia eserava d'uma carreira de penuria e de fadigas mal retribuidas? Espere-mos que não. O que lhe faltou foi a epocha e homens, que o pudessem conhecer. Podendo como hoje mirar a tudo, seria tudo, porque no talento estava a sua força. Achando um Meeenas, que lhe dêsse a abundancia sem a sérvidão, e lhe tornasse o labor agradavel pela gloria, ainda seria muito, porque o estudo e a lima da reflexão expurgariam as impuresas, fi-lhas da precipitação com que a idéa se funde no mol-

de, ardendo ainda a lava no primeiro jacto. Desgraçadamente os amigos e os grandes, cobrindo de applausos e de corôas ephemerias o repentista sublime, só tomavam a arte e o genio como instrumentos de deleite, esquecendo-se do cantor apenas cessava o canto! Não admira pois se pelo habito de arrastar o seu grilhão, e de viver de milagres e de esforços, elle foi espalhando ao acaso, taes como nasciam, as flôres mais esplendidas do seu ingenho. Assim mesmo, abertas na amargura e na estreiteza, quantas dellas não ficaram immortaes?

No meio das occupações, a que se dava, accesa a guerra de novo com os emulos no Parnaso, e travado com José Agostinho de Macedo o famoso duello litterario, que nos valeu a mais vehemente e incisiva das satyras portuguezas, Bocage teve eminentes sobre si novas perseguições religiosas, que desta vez não provocou, e de que a sua innocencia o tirou sem incommodo pessoal.

Uma senhora, filha do administrador do Correio Geral, Roque Ferreira Lobo, metrificador vaidoso e menos que mediocre, com a caridade singular, que distingue o fanatismo, lembrou-se de o denunciar á Inquisição, como suspeito de ligações maçonicas, porque, diz ella, devia obedecer aos preceitos do Santo Officio! Em 23 de novembro de 1802 o tribunal mandou indagar ácerca dos fundamentos da denuncia pelo padre José dos Reis Marques, que respondeu a 28 de abril de 1803. Este zeloso executor das ordens secretas dirigiu-se á devota, e informou-se com toda a individuação a respeito do que ella já tinha escripto. Manuel Maria era apontado como pedreiro livre, em companhia de José Maria de Oliveira, escripturario do Correio, de um capitão Castro, e de Joaquim Manuel de Moura Leitão, escrivão do crime da côrte e casa. A respeitavel dama declara ter ouvido o que relata na habitação de uns visinhos, e descreve a scena com a fidelidade de memoria de uma beata, perita na grande arte de vêr e escutar em proveito da fé. Bocage e José Maria de Oliveira (assegura ella) vieram áquella casa, e ali o ultimo sentando-se a uma banca em que havia papel, começou a desenhar um triangulo com um olho dentro. depois um sol e estrellas, e mais duas mãos dadas, ao passo que perguntava ao sr. Bocage se era amigo de pinturas. Elmano disse que não, e guardou o desenho a toda a pressa. De tudo isto concluiu a serva de Deus, que não podiam ser senão pedreiros livres, e entrou em escrúpulos, acabando por participar o occorrido ao Santo Officio! O negocio porém não passou do principio. O tribunal poz-lhe pedra em cima, ao que parece, e Manuel Maria, vivendo ainda perto de tres annos, não consta que tivesse nunca o menor dissabor por semelhante causa. (1)

Os padecimentos physicos seguiram-se em breve ás inquietações moraes e ás fadigas do espirito. Obligado a procurar cada manhã o pão da tarde para que a sua irmã nada faltasse, o abuso de bebidas espirituosas (posto que sem embriaguez) e do tabaco de fumo, e os estragos do genero de vida desregrado a que se dava, foram-lhe minando a saude, e tornando cada vez mais debil a valetudinaria constituição. Despresando as dores habituaes, não guardando regimen nem cuidado, julgava-se fadado para viver seculos quando os dias dolorosos se apressavam na

(1) O Sr. Innocencio Francisco da Silva nos communicou esta denuncia, cujo autographo existe no Archivo da Torre do Tombo, entre os papeis remetidos para ali, em 1821, da extincta Inquisição. Da sua copia extrahimos a narração.

ampulheta! Uma dilatação das carotides converteu-se dentro em pouco em aneurisma, molestia para que não ha esperanza, e prostrou-o no leito, que foi tambem o eculeo da sua expiação.

Como Molière os seus epigrammas contra os medicos não passavam dos labios; se a doença o visitava deixava de sorrir, e obedecia cegamente ás prescripções da faculdade, procurando lêr nos olhos e no rosto do assistente a sentença da sua sorte. N'esta ultima e incuravel enfermidade, desenganado pelos doutos, entregou-se ás receitas empiricas dos charlatães, achando imaginario allivio nos remedios absurdos, que lhe inculcavam. A scena dos seus ultimos dias, tão fecunda em bellos rasgos de crença e de resignação christã, já a esboçamos.

A 21 de dezembro de 1805 fechou os olhos para sempre. Meia hora antes de fallecer, já depois de recebida a extrema unção, e com a mente offuscada pelas sombras lethaes, dictou ainda o ultimo soneto, que o morgado de Assentis colheu dos seus labios tremulos, e escreveu todo de seu punho. Eis os tercetos finaes:

Eu me arrependo: a lingua, quasi fria  
Brade, em alto pregão, á mocidade,  
Que atraz do som phantastico corria:

Outro Aretino fui! A sanctidade  
Manchei... oh! se me crêste, gente impia  
Rasga meus versos! crê na eternidade!

O derradeiro suspiro foi por tanto um grito de arrependimento! Quantos, envoltos ostentadamente no burel da penitencia, e espargindo cinzas sobre a cabeça na praça publica teriam de aprender na contricção final do poeta mundano perante a sepultura?

Como o cysne acabou em paz cantando!

exclama Araujo Ribeiro em outro soneto principiado em quanto Bocage era ainda vivo, e terminado quando já subira á presença do Altissimo.

Eis o epitaphio catholico de Elmano. Nelle a fé e a melodia com a doce luz que dão á alma, só expiraram com o extremo alento da existencia!

Philinto Elysio, o velho Philinto, que lhe saudára o estro, e foi o ultimo vate desta geração poetica, sobrevivendo ao cantor de Ignez e de Leandro, fez-lhe as honras funebres em um epicedio, digno de ambos. Sentindo sobre os annos tão pesados de invernos a grande sombra da morte, o traductor dos «Martyres» inclina-se sobre a urna do mais novo dos filhos de Apollo, e os dedos convulsos fogem-lhe pela harpa, tirando sons, cujo echo melancolico, mas gracioso, não tem que inuajar ao suspiro elegiaco da lyra hellenica:

Elmano; oh vate! A abelha em teu moimento  
Sempre o seu mel componha!  
Manná dos céus e balsamos da Arabia  
Ali distillem; louros inverdegam,  
Heras, nevados lyrios!  
Basto rosal com mil botões o abraçe!  
Mangerona, tomilho, e a flôr vermelha,  
Que annuncia em queixumes  
De Ajax a dôr, n'um ai tincto em seu seio!  
Do Sado as nymphas, nymphas do aureo Tejo,  
E as Indicas Nereas,  
Com lagrimas a campa lhe humedegam!

Depois o silencio do tumulo sobre os seus ossos, e o reverdecer do louro no chão sagrado, aonde a poste-

ridade vem recordar-se, e suspender a corôa triumphal.

L. A. REBELLO DA SILVA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SEculo XV.

### I.

De quanto acabamos de expôr é facil concluir, que no grande periodo de vinte seculos, desde Moyses até á queda do imperio do occidente, nem a historia da geographia, nem os monumentos geographicos, que da antiguidade chegaram até nós, produzem a menor sombra de prova ou argumento contra a nossa these.

A Asia occidental se limitam as primeiras noções historicas da geographia; e é ainda a respeito do continente asiatico, que mais trabalham os geographos d'este nosso primeiro periodo chronologico.

O mundo primeiro conhecido dos antigos não ultrapassa o Mediterraneo, nem transpõe o estreito das Columnas de Hercules. Tal é o mundo de Homero, accrescentado apenas de algumas novas creações poeticas, fabulas que na mythologia se consubstanciaram, que o tempo tornou populares, e por muitos seculos influiram na sciencia, introduzindo-lhe regiões atlanticas desconhecidas, e de pura invengão do poeta. E é por isso que na apreciação d'estas fabulas, mescladas com a geographia positiva ou systematica dos antigos, cumpre andar bem sobre aviso, e não confundir a geographia dos viajantes e dos sabios, com a de simples origem poetica e popular.

Limitado a principio pelas Columnas vae o mundo alargando progressivamente as ballisas de demarcação. Os carthaginezes transpõem o estreito, costeam as terras exteriores sobre a mão esquerda, e reconhecem uma parte das costas occidentaes africanas banhadas pelo oceano Atlantico. E evidentemente d'elles, e das viagens de Hannon, que derivam as primeiras noções que os gregos tiveram d'este novo horisonte. Por muito tempo não houve saber do Atlantico mais do que se continha no periplo do general carthaginez.

A idéa de ilhas occidentaes é na fabula que começa. Desde a Ogygia de Homero, desde Cerné e Gorilhas de Hannon, fronteiras a Africa, as Gorgones de Hesiodo, as Gorgades de Xenofonte de Lamp-saco, a Atlantida de Platão, a Deserta de Aristoteles, as Atlantidas de Sertorio até ás Fortunadas de Plutarcho; tudo a final se reduz a uma só tradição mythologica de ilhas Afortunadas, ou dos Bemaventurados, que andaram por muitos seculos, como na phrase de Plinio os Jardins Hesperios, vagando á descrição de poetas e geographos, qual mytho e paiz desconhecido que eram, para se não fixarem pela primeira vez senão quando Juba descobriu ilhas sobre as costas africanas. Antes de Juba a tradição de ilhas atlanticas é toda mythologica. Em Juba com o descobrimento das Canarias vem realisar-se as fabulas dos tempos antigos. «Ao passo que os descobrimentos geographicos se iam adiantando, (diz o sr. Costa de Macedo, da Academia das Sciencias, na sua Memoria sobre as Canarias); iam tambem desvanecendo-se as tradições fallazes que tinham situado em diversas paragens este paiz de delicias; e como Homero o tinha posto além do oceano, na extremidade da terra, e os gelos do oceano septen-

trional não se compadeciam com a amenidade do seu clima; e por outra parte a extremidade occidental da terra sabida era pouco além das Columnas de Hercules, e o oceano era de ahí por diante pouco tratado, ali se procurou o paiz dos Bemaventurados; e a existencia de algumas ilhas, a pequena distancia das costas da Libya, acabou de canonisar esta opinião, e de tornar geographico o paiz dos espiritos que, cansado de viajar por todo o orbe conhecido, se fixou finalmente nas ilhas chamadas hoje Canarias. Juba, que as mandou explorar, foi talvez movido a isso para descobrir as ilhas Afortunadas, e reduzir a verdade historica as ilhas mysteriosas. Deu com aquellas no oceano, e não apparecendo outras, visto que as Bemaventuradas deviam estar no oceano, assentou tel-as encontrado; e posto que segundo a descripção que d'ellas nos deixou (*apud Plinio, Historia Natural, 6, 37*), nada houvesse ali da sua presumida beatitude; com tudo, como foram as unicas com que deparou, nem por isso perderam o titulo de Bemaventuradas. E o mesmo escriptor academico escreve mais tarde. «Antes de Seboso e Juba os gregos e romanos não conheciam as Canarias: mas ainda que a relação de Seboso se considere anterior a Juba, parece-me que os descobrimentos d'este monarcha foram a fonte onde beberam todos os que d'ellas trataram, que são Seboso, Strabo, Mela, Plinio, Ptolomeu, Solino, e Marciano Capella.»

Depois do descobrimento de Juba nem continuaram novos reconhecimentos das Canarias, nem commercio do velho mundo com estas ilhas recentemente achadas. Foi-se successivamente perdendo a noção de terras reaes occidentaes, e já em fins do 3.<sup>o</sup> seculo da era christã Eumenio, no *Panegyrico* de Constantino Augusto, duvidava se as ilhas Afortunadas existiam; o que no meado do seculo seguinte acha echo mais terminante e significativo em Rufo Festo Avieno, que resurge a opinião antiga de que saíndo do estreito para o occidente se não póde navegar; e com elle Junior Philosopho na *Totius Orbis Descriptio* n'estas palavras: «*Inde (post Hispaniam) oceanus esse dicitur, cujus partes nullus hominum potuit enarrare: est enim eremi solitudo, et sicut finis mundi.*» Depois da Hespanha, diz-se que está o oceano, cujas partes nenhum homem pode descrever, porque é a solidão de um ermo; e, segundo dizem, é ali o fim do mundo. Se pois n'este tempo o oceano occidental, e as costas de Africa além das Columnas se julgam intrataveis, é evidente que o rasto das ilhas Canarias estava já perdido. E as noções positivas de ilhas atlanticas ao sul do estreito, que se tinham ido rapidamente sumindo, deram dentro em pouco lugar a que as fabulas antigas revivessem, até que o moderno descobrimento, que no 14.<sup>o</sup> seculo, no reinado de Affonso IV, os portuguezes fizeram das primeiras ilhas no alto mar Atlantico, veio fixar de novo e dar por uma vez garrote ás fabulas antigas.

De ilhas septentrionaes, proximas ás costas da Europa, é Pytheas o que primeiro falla. Eratosthenes, Hipparco, Strabão, Cesar, Mela, Plinio, e Ptolomeu o seguem. *Albion, Hibernia, Thule, Basilia, Ierne, Cassiterides, Orcades, Cymodes, Hoebudes, Scandia, Londobries, Scopuli-trileuci, Deorum, Vectis*, são todas ilhas, que eram, ou pretendiam ser as que foram depois melhor conhecidas sobre as costas. E não sirva de obstaculo ás illações de correspondencia, que entre umas e outras se tem tirado, a incerteza de suas primeiras arbitrias posições geographicas, e as variantes de seus nomes, que toda essa passada confusão, não nascia de não-identidade, mas de co-

nhecimento menos preciso, que individualmente tinham os que d'ellas escrevião. Por muito tempo tudo foi a seu respeito confusão e ignorancia. Plinio, mesmo depois da conquista de Cesar, sabe tão pouco das britannicas, que não ousa descrevel-as!

Tudo isto convence plausivelmente de que por aquelles tempos o conhecimento geographico não alcançou o alto mar Atlantico, nem houve noção de suas ilhas mais arredadas. O que então faltava de conhecimento positivo sobre esta parte do globo, apenas a phantasia com fabulas e invenções procurava supprir, para contentar curiosos e insaciaveis. A imaginação que mais guindava ao maravilhoso, bebia na fonte homerica o exemplo e a liberdade das ficções. Renasceram em Platão. A voz do philosopho surge uma grande ilha Atlantida, que pelo imperio da mesma voz desaparece como de improviso da superficie das aguas, sem deixar rasto physico, nem baixo, nem cachopo! É um élo da cadeia mythologica que em Homero começou, continuou nas Gorilhas de Hannon, e na modificação que d'ellas fizera Hesiodo, chamando-lhes Gorgones, e pondo-as dous dias ao occidente das costas continentaes! Estas creações, cada qual mais disparatada e entretecida de fabulas pueris e absurdas, são a successiva transformação de uma só idéa, prendem todas n'uma só e mesma origem geradora, a mythologia. A ilha da obra attribuida a Aristoteles, é a resurreição da que Platão tivera a inconsciencia de submergir. As Gorgodes, que em Solino ainda acham lugar assignalado, são o ultimo rebate dado n'este nosso primeiro periodo de vinte seculos á maravilhosa e poetica idéa de regiões encantadas no oceano occidental.

E como não seria assim se até o oriente da Asia não era bem conhecido dos povos occidentaes? Já Alexandre em seu tempo tomara por empresa ousadas explorações n'aquellas regiões incognitas, mas nem sempre o éxito lhe respondeu ás intenções. Os passos insignificantes que a geographia antiga déra no progresso real, fizeram que as mentiras e invenções, que Pytheas contou das suas duas viagens desde Marselha, costeando a Europa occidental, até ao norte, predominassem por muito tempo, e pelo atraso da sciencia tomassem lugar a par das noções geographicas positivas. Tanta era a incerteza das terras, que dados certos e fabulosos tudo andava de mistura, e em concerto destemperado! Nem outra coisa podia esperar-se de tempos em que ainda Herodoto não conhecêra nenhum lugar entre Carthago e Columnas de Hercules! em que Heraclito de Ponto, discipulo de Aristoteles, fallava de Roma como de cidade visinha do oceano! em que Diccarco, outro discipulo do Stagyrita, só conta sete mil estadios da Sicilia ás Columnas, distancia que já em tempo de Strabão se calculava em treze mil estadios! Tudo prova, tudo convence da lentidão com que os conhecimentos geographicos se desenvolviam, mesmo entre as nações mais policiadas da antiguidade: e nem porque os geographos romanos já conhecem a Hespanha melhor do que os gregos, o progresso da geographia para esta parte alcança no nosso primeiro periodo mais do que as costas occidentaes da Europa, e Africa áquem do cabo Bojador. A communicação do Atlantico com o Indico, systematisada por Eratosthenes, Strabão, e outros, e defendida por Posidonio, Hipparco a nega, e Ptolomeu que o segue estende por doze seculos a influencia d'este preconceito!

(*Continúa.*)

JOSÉ DE TORRES.